

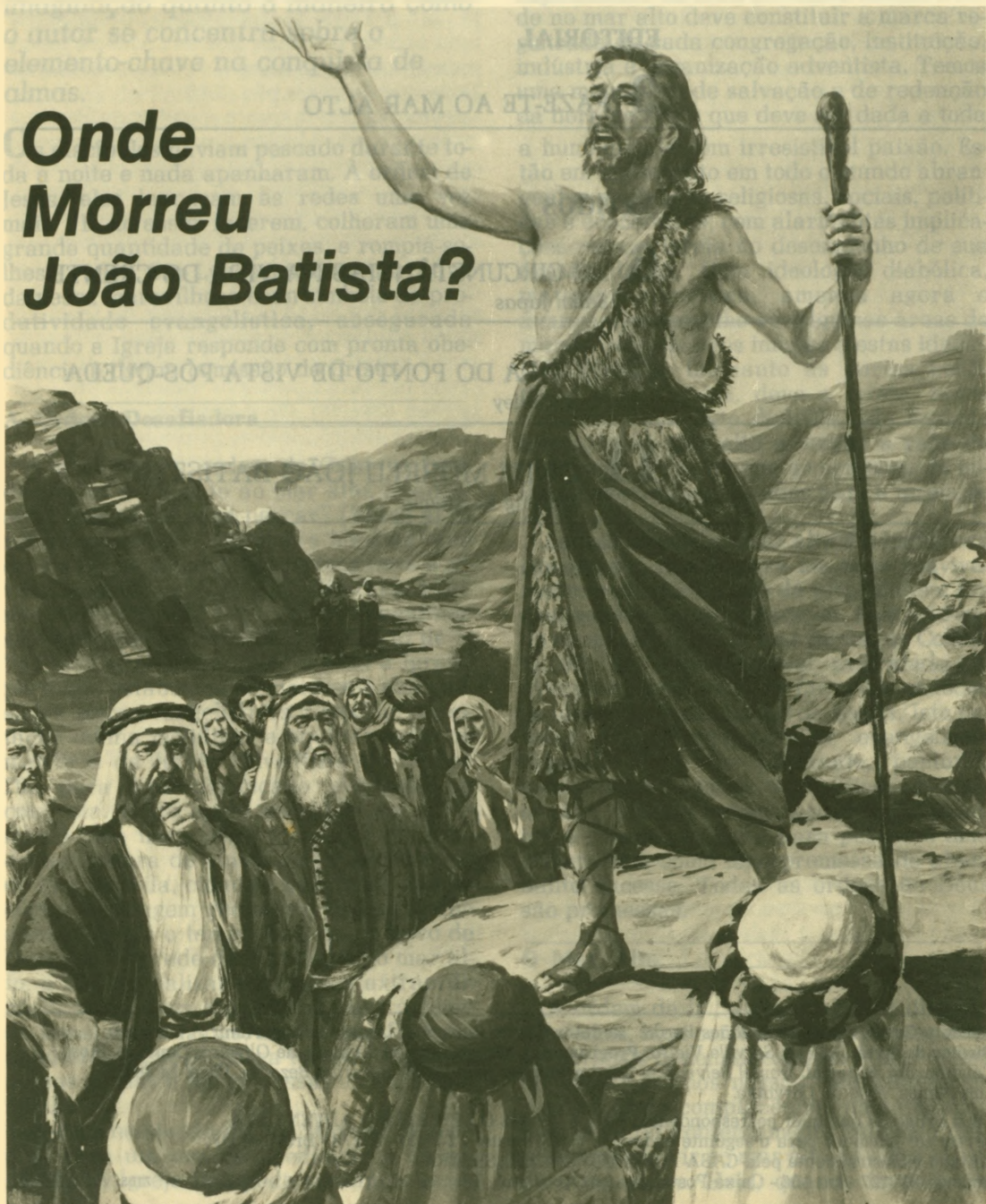
SET/OUT/1986 - Nº 5

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Onde Morreu João Batista?



EDITORIAL

3 FAZE-TE AO MAR ALTO

ARTIGOS

6 AS CIRCUNSTÂNCIAS NA VIDA DO CRENTE

Salim Japas

8 CRÍTICA DO PONTO DE VISTA PÓS-QUEDA

N. R. Gulley

11 ONDE MORREU JOÃO BATISTA?

Merling K. Alomía

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Rogério Sorvillo Vieira; **Programador Visual:** Cláudio Sampaio de Oliveira; **Capa:** A. Rios;
Colaborador Especial: Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura,
Luís Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA
devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF.
Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA.
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP.

7165



Faze-te ao Mar Alto

Colheita 90 é o novo tema para o evangelismo mundial. Este artigo inspirará e desafiará vossa imaginação quanto à maneira como o autor se concentra sobre o elemento-chave na conquista de almas.

Os discípulos haviam pescado durante toda a noite e nada apanharam. À ordem de Jesus, eles lançaram as redes uma vez mais. "E, ao assim fazerem, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede." São Lucas 5:6. Essa narrativa da pesca maravilhosa é um símbolo da produtividade evangelística, assegurada quando a Igreja responde com pronta obediência à divina comissão de Cristo.

A Ordem Desafiadora

A desafiadora ordem de Cristo a Seus discípulos é "faze-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar" (Verso 4). O relógio do tempo assinalou a hora na qual deve a Igreja envolver-se em uma nova e revolucionária aventura conquistadora de almas dirigida pelo Espírito, de magnitude sem precedentes. A ordem de Cristo de ir "ao mar alto" é um apelo a toda a Igreja, para que estabeleça os maiores e mais ousados alvos evangelísticos. Constitui orientação divina mobilizar e equipar todos os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia para uma arrancada evangelística completa. É um apelo para pôr em movimento uma nova maré montante de ação conquistadora de almas que engolfará cada distrito, vila, cidade e país deste mundo com a mensagem redentora do evangelho eterno. Este é o tempo para que o povo de Deus lance a rede do evangelho no mar alto, a fim de realizar uma pesca extraordinária de homens e mulheres para o reino de Deus. Como Isaías, somos desafiados a ampliar o lugar de nossa tenda, esticar as nossas cordas e fincar nossas estacas (Isa. 54:2).

A recomendação divina "faze-te ao mar alto" tem um tom de imediação e de urgência. A Igreja não pode continuar espe-

rando resultados pentecostais dramáticos, enquanto continua pescando nas águas rasas da condescendência espiritual, da falta de compromissos sacrificais e da mornidão laodiceana. Permanecer nas águas rasas dos limitados objetivos ganhadores de almas é uma negação trágica de nossa sublime missão! A Igreja Adventista começou em um espírito de urgência e deve terminar também com urgência e numa chama de triunfo! Uma vez que a Igreja se aproxima rapidamente da hora do ocaso, lançar a rede no mar alto deve constituir a marca registrada de cada congregação, instituição, indústria e organização adventista. Temos uma mensagem de salvação e de redenção da hora do juízo, que deve ser dada a toda

a humanidade com irresistível paixão. Estão em andamento em todo o mundo abrangentes mudanças religiosas, sociais, políticas e econômicas, com alarmantes implicações para a Igreja no desempenho de sua missão divina. Uma ideologia diabólica, materialista-política, ameaça agora o avanço do evangelho em algumas áreas do mundo. Não estamos imunes a estas ideologias ateístas. Enquanto as portas continuam entreabertas, deve a Igreja, numa dedicação completa dirigida pelo Espírito Santo, ir ao mar alto e lançar a rede do evangelho, a fim de que as centenas de milhares possam ser trazidas para a igreja de Deus.

Lançar a rede no mar alto é a imperiosa convocação divina para um novo reavivamento e despertar que dá prioridade a um evangelismo total implacável. Lançar a rede no mar alto, nesta fase inicial de Colheita 90, dá inquestionável prioridade ao evangelismo em todas as formas e em todos os níveis da organização da Igreja. Isto envolve evangelismo público, evangelismo pessoal, leigo, da juventude, pastoral, evangelismo da saúde, evangelismo de massa, etc. A dupla ordem para ir "ao mar alto" e "lançar a rede" para pescar é uma ordem, bem como uma promessa de abundante sucesso. Todas as ordens de Deus são promessas.

O Mar Alto

A ordem de ir "ao mar alto" é dirigida aos leigos, bem como a todas as categorias de obreiros denominacionais. É alto tempo de abandonarmos nossos confortáveis esconderijos da complacência, da satisfação pessoal e do contentamento religioso despreocupado, e ir ao mar alto da ação salvadora de almas. Hoje, quando incontáveis

milhões continuam a ser arrastados pela maré da lassidão moral, do materialismo e da falência espiritual — hoje, quando multidões aguardam desesperadamente um meio de escape da escalada da ansiedade política, do impiedoso derramamento de sangue, do caos econômico, da injustiça e da opressão social — Deus ordena a Seus discípulos modernos que vão ao “mar alto” com as boas novas todo-abrangentes e todosuficientes da libertação e da redenção por meio do evangelho eterno.

A palavra “alto” ou profundo, neste imperativo, é descritiva da população em explosão, que deve ser alcançada pelo salvador evangelho de Jesus Cristo. Os pescadores jamais vão pescar em piscinas. Eles vão a águas profundas: rios, lagos, represas e ao poderoso oceano. O mar profundo abrange as massas, bem como a elite, a aristocracia e a classe instruída. Inclui os capitalistas, bem como os socialistas, a classe superior e a classe média, a classe baixa e os sem-classe. Inclui os de posses e os sem posses. Ao pescar em águas profundas a Igreja Adventista do Sétimo Dia acha-se sob as ordens divinas para confortar pessoas de todas as raças, crenças e status com a mensagem escatológica redentora a nós confiada nesta hora final da história da humanidade. É tempo de deixarmos as águas rasas dos métodos formais e medíocres e nos lançarmos às águas profundas do evangelismo cheio do Espírito.

A Estratégia Divina Para o Crescimento Explosivo

Lançar a rede no mar alto é estratégia exclusiva de Cristo para crescimento fecundo da Igreja. É a receita de Deus para uma igreja crescente, progressista. Notai que Cristo nos manda “lançar” as redes para pescar. É tempo de pescaria! A pesca é contingente do lançamento das redes. Sem viva fé e ação dinâmica não há produção. A chave-mestra para a explosão evangelística verdadeira na Igreja adventista é claramente expressa na resposta sem hesitação de Pedro à ordem de Cristo para ir “ao mar alto”. Observai o fator fé na resposta de Pedro: “Mestre, trabalhamos arduamente toda a noite e nada apanhamos. Mas, porque disseste isso, lançarei as redes” (São Lucas 5:5, N.I.V.). Notai bem a confiante expectativa na frase “lançarei as redes”. Eis uma fé que espera resultados. É a palavra da fé unida à ação submissa. Pedro era um excelente profissional na profissão de pescar.

Ele sabia como, quando e onde pescar.

Este é um exemplo clássico da eficácia da fé e das obras em apropriada combinação. Pedro, o pescador profissional, empregara todas as técnicas e espertezas de seu ofício de pescaria. Por sua própria vontade, trabalhara toda a noite sem nada apanhar. Isso é típico da futilidade dos esforços humanos sem a unção divina. “A noite era o único tempo propício para pescar com redes nas claras águas do lago. Depois de labutar a noite inteira sem resultado, parecia inútil lançar a rede de dia; Jesus, porém, dera uma ordem, e o amor por seu Mestre levou o discípulo a obedecer.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 246.

Nem por um instante questionou Pedro a ordem de seu Mestre para que lançasse a rede “no mar alto” para pescar. Para mostrar sua obediência ao Pescador-Mestre, lançou ele a rede e, com fé, aguardou os resultados. Pedro sabia por experiência que as técnicas de Cristo oferecem plena garantia de sucesso. Ele viera a conhecer a eficácia dos infalíveis métodos de Deus e a neles confiar. É a mesma idéia expressa por Zacarias em sua passagem famosa: “Não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor.” Zac. 4:6.

Como Pedro, temos pescado por muito tempo nas infrutíferas águas rasas dos esforços humanos. Planos evangelísticos, programas impressionantes, técnicas engenhosas, incentivos e uma aproximação altamente programada, de feitura humana, estão às vezes em direto confronto com a orientação do Espírito Santo. Como Pedro, todos os membros e dirigentes da Igreja de Deus são desafiados a envolver-se em uma nova aventura de fé evangelística. “Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar” é o sonoro desafio de Cristo à Igreja hoje. Para produzir resultados quantitativos extraordinários, deve o evangelismo seguir a ordem de Cristo. Fazer-se ao mar alto não depende da sabedoria e habilidade humana, de programação sofisticada, dos grandes orçamentos, de facilidades complexas e técnicas sofisticadas, mas da obediência à fé pronta. Quando em unida ação evangelística toda a Igreja sair para o mar alto, pela fé na imperiosa ordem divina, o Pentecostes virá de novo com assombroso esplendor!

O mais espantoso de todos os desafios para o povo de Deus nesta hora de crise é despertar, recrutar, treinar e mobilizar a totalidade dos membros em um plano sistemático de evangelizar a população em explosão, deste mundo. Na linguagem do

apóstolo Pedro, deve a Igreja confessar: "Mas, sobre a Tua palavra, lançaremos a rede no mar alto, mediante a fé e a obediência, transformaremos nossas centenas em milhares e nossos milhares em centenas de milhares. Quando nos fizermos ao mar alto, os resultados evangelísticos passados e presentes se afigurarão inexpressivos em comparação com o que uma igreja unida, obediente e expectante realizará sob o eficaz poder do Espírito Santo.

Resultados Assombrosos

Os esmagadores resultados da pronta resposta de Pedro à ordem de Cristo para que se lançasse ao "mar alto", são vividamente retratados em São Lucas 5:6 e 7, N.I.V. A passagem indica claramente que quando os discípulos lançaram as redes no mar alto, como Cristo recomendara, "apanharam tão grande quantidade de peixes que as redes começaram a romper-se. Assim, eles fizeram sinal para seus companheiros no outro barco para que viessem ajudá-los, e eles vieram e encheram de tal maneira ambos os barcos, que estes começaram a afundar." Estes dois versos estão repletos de verdades para a Igreja em sua missão evangelística. Deus garante os resultados quando a Igreja e sua diretoria, com obediência e fé, aceita e executa a estratégia evangelística de Cristo. Quando O seguimos, Ele toma a inteira responsabilidade de tornar-nos pescadores de homens (São Mat. 4:19). Todavia, tudo de que Deus necessita são vidas obedientes e disponíveis, e Ele cuidará dos pormenores e encherá a rede do evangelho, quando, pela fé, nos lançamos ao mar alto. A tocante mensagem desses dois versos possui uma relevância especial para a Igreja no desempenho de sua missão evangelística.

Em primeiro lugar está a captura. Os discípulos apanharam um número tão impressionante de peixes que suas redes começaram a romper-se (S. Lucas 5:6, N.I.V.). Que mudança dramática! Eles haviam pescado toda a noite e nada haviam apanhado. Agora, em resposta à ordem de Cristo, estão assustados com a grande pescaria que lhes rompe as redes. É precisamente isto que Deus espera fazer por Sua Igreja, durante a Colheita 90. Nestes tempos finais, Cristo está apelando no sentido de que Seus discípulos vão ao mar alto e lancem a rede para pescar. Quando se faz isto, podemos verificar com maravilhoso espanto como centenas de pecadores salvos pela transformadora graça de Cristo entram para a comu-

nhão da igreja. Sob o poder da chuva serôdia, cada congregação deve explodir com a afluência de novos crentes que aceitam a mensagem salvadora de Deus.

Cada igreja deve lançar-se às comunidades, pregando o evangelho eterno, conquistando novos conversos, organizando novos grupos e confirmando nesta preciosa mensagem os novos crentes. O rompimento da rede é um vívido símbolo de uma igreja progressista, dinâmica e em crescimento. Deus está pronto para romper nossas redes com os resultados pentecostais da conquista de almas. Para desfrutar dessa experiência excitante, deve toda a Igreja, em ação conjunta, lançar-se ao mar alto — cidade por cidade até a última, de casa em casa até que não reste mais nenhuma, de pessoa em pessoa até chegar à última.

O segundo resultado excitante de lançar-se ao mar alto é seu unificador impacto sobre a Igreja. Inteiramente incapaz de realizar sozinhos a colossal pesca de peixes, os discípulos "fizeram sinal para seus companheiros do outro barco para virem ajudá-los, e eles vieram e encheram ambos os barcos de maneira tal que estes começavam a afundar" (veros 7, N.I.V.). Isto significa a Igreja toda participando da bênção comum da conquista coletiva de almas. Isso dá a idéia de companheirismo e participação. Não é mais um barco vazio, mas são dois barcos cheios de peixe a ponto de ir a pique. As bênçãos de Deus são sempre uma extravagância! Tenho a impressão de que durante essa fase de Colheita 90, a Igreja de Deus entrará em uma era de evangelismo sem precedentes, e de que a Igreja crescerá à semelhança da fazanha pesqueira dos discípulos. Que mudança dramática! Depois de toda uma noite de monótona pescaria sem nenhum resultado, vem um novo dia de excitação, pela grande produtividade resultante da ação conjunta. Deus está aguardando ansiosamente proporcionar uma experiência semelhante a Sua Igreja atual. Uma igreja ativa é sempre uma igreja unida, e uma igreja unida é sempre uma igreja que cresce (ler Atos 2:42 e 47, N.I.V. para uma confirmação maior dessa asserção).

O terceiro resultado de ir ao mar alto é que a produtividade extraordinária traz desafios extraordinários. As redes rompidas e os barcos em perigo de afundar são alguns dos desafios do evangelismo em águas profundas. Um explosivo número de membros certamente imporá grandes demandas aos recursos espirituais e materiais da Igreja e de sua liderança: demandas de mais e melhores construções para

acomodar as congregações que surgem, a urgência de escolas e outras facilidades para atender à necessidade em espiral de uma comunidade jovem em explosão, bem como equipe pastoral adequada para administrar as congregações que surgem como cogumelo. O segredo bíblico para lidar com estes desafios está nas palavras: "E fizeram sinal aos companheiros... para que os fossem ajudar." Esta é a reação em cadeia da conquista de almas unificada e coletiva. "Eles fizeram sinal aos companheiros." Ação Missionária, Jovens, Escola Sabatina, Saúde, Educação, Mordomia e departamentos de Publicação, juntamente com a liderança pastoral e administrativa — todos se unindo em ação conjunta.

Como no caso dos discípulos, chegou o tempo de toda a igreja se unir e coordenar todos os seus recursos espirituais e materiais em uma campanha unida para evangelizar o mundo para Cristo. Evangelismo total requer a ida ao mar alto, através da iniciativa, apoio e participação administrativos. Requer inteira cooperação e envolvimento de cada departamento e atividade da Igreja. Juntando mãos e coração em prece, consagração, companheirismo, harmonia doutrinária e atividades evangelísticas, devemos unir-nos para o engrandecimento e consolidação qualitativa da Igreja. Juntos devemos compartilhar da excitação de redes que se rompem e de barcos que vão ao fundo, quando sairmos ao mar alto.

Pescando Homens Vivos

No auge da excitação dessa pesca superlativa, que indicava ter a lição sido elo-

qüentemente recebida pelos discípulos, Cristo concluiu o episódio com esta comente afirmativa: "Então Jesus disse a Simão: Não temas; de agora em diante sereis pescadores de homens" (verso 10, N.I.V.). Em São Marcos 1:17, Cristo nos convida graciosamente: "Vinde após Mim,... e Eu vos farei pescadores de homens" (N.I.V.). Em São Lucas 5:10, Jesus usou a palavra grega zōgreō, que significa "apanhar vivo". Isto é, pescar o peixe de tal maneira que ele ainda esteja vivo ao ser trazido para a praia, para ser vendido. Pedro aprendera perfeitamente as técnicas. No dia de Pentecostes a profecia de Cristo se cumpriu, quando três mil foram apanhados vivos para Cristo.

Ir ao mar alto realça a necessidade de treinar pescadores de homens para conquistarem homens e mulheres vivos para Jesus Cristo e a associação com a Igreja. Sob a unção do Espírito Santo, trabalhando por meio de reavivamento, unidade e a mobilização dos membros, realizaremos proezas para Deus durante a Colheita 90. Saíamos ao mar alto e lancemos as redes evangelísticas para uma pescaria sem precedentes de almas para o reino de Deus. Pesquemos-las vivas e as mantenhamos vivas na comunidade da Igreja. Lembremo-nos sempre de que a prioridade básica da Igreja é o evangelismo agressivo. Existimos para desenvolver pescadores de homens, a fim de que se tornem pescadores de homens para o reino de Deus. Nesta hora derradeira da história da humanidade, saíamos de maneira unida e lancemos a rede do evangelho para pescar homens para Seu reino.

As Circunstâncias na Vida do Crente

SALIM JAPAS

Apontamentos para um sermão, baseados em II Reis 13:14-21

1. *Jeoás e uma oportunidade malograda*
O rei Jeoás tinha a autoridade régia com a qual havia sido investido (801-786 AC), mas não tinha poder. Como rei de Israel,

assumira a direção em condições difíceis. Seu pai Jeocaz (II Reis 13:2) fora um mau governante. A guerra com a Síria havia sido desastrosa (II Reis 13:7). O exército estava desfeito (II Reis 13:7) e as perspectivas para o futuro totalmente obscuras. Jeoás notou que sua única oportunidade de superar a crise estava em Deus. Entrevistasse com o profeta Eliseu em busca de ajuda (II Reis 13:14). Eliseu lhe antecipa uma trí-

plice vitória sobre a Síria. Jeoás teve muitas demonstrações do favor de Deus, mas sua fé e seu compromisso com o Céu estavam divididos. "Põe a tua mão sobre o arco e atira", disse-lhe o profeta. Ou como diz o Targum: "Toma tuas flechas e mostra como vais ferir a teus inimigos".

O crente usa ao máximo seus recursos, para glória de seu Criador; persevera, sem deixar tarefa sem terminar. Talvez tenhamos estado atirando alguns dardos, como o fez Jeoás, fazendo débeis esforços. Apegados, porém, à mão de Deus, podemos ir longe, obtendo novas vitórias.

2. *Eliseu, o homem de Deus*

Mais que a grandiloquência de seu ministério profético, o que nos atrai em Eliseu é seu sentido de lealdade e compromisso com a Verdade. Mesmo atacado por uma enfermidade fatal, não se deixou abater pelo pessimismo ou pela compaixão própria. Tampouco se deixou subornar pelas lisonjas do poder nem vacilou ante os perigos das ameaças. Mais que a aprovação dos governantes terrestres, preferiu a aprovação de Deus.

Viveu para a eternidade.

Observem-se as seguintes características na vida de Eliseu:

a) *Homem de Deus, doente, mas não derrotado.* A morte não o aterroriza, e ainda é capaz de motivar a outros (II Reis 13:14-20). Eliseu era um homem de poder, porque era um homem bom. Os homens bons são fundamentais para a nação. Eliseu era uma pessoa respeitada pela nação. Uma vida santa exige o respeito de todos. A santidade não precisa de advogados. Ela defende a si mesma.

b) *Irradia confiança.* Eliseu não é covarde; ele "pôs suas mãos sobre as mãos do rei" (II Reis 13:16 e 17). Ele tem confiança em Deus, sabe que está do lado que há de vencer. Embora estivesse para morrer, quis partilhar sua fé com os semelhantes. Sabia que "ninguém vive para si e ninguém morre para si". Os melhores homens de todas as épocas foram os que fizeram provisão para o futuro, que deixaram um legado de amor e fé para as novas gerações.

c) *"Abre a janela"* e olha para fora. Descubra um mundo necessitado, que ao mesmo tempo é um mundo de oportunidades, onde o filho de Deus trava a batalha da fé e vence. Com a idade avançada e uma enfermidade que lhe antecipa a morte, Eliseu abre para o rei Jeoás uma janela de esperança. Ninguém pode renunciar sua responsabilidade enquanto vive. Todos temos responsabilidades a desempenhar até o último instante.

d) *"Fere a terra".* Eliseu é um homem cheio de entusiasmo, que pede com entusiasmo seja ferida a terra, mas Jeoás o faz somente três vezes. Por que desistir tão rápido? O inimigo das almas jamais será vencido se nossos esforços forem parciais, fragmentários e momentâneos. A perseverança, o esforço decidido e o compromisso total são características do vencedor.

e) *Irritou-se com ele.* Ninguém pode deter uma pessoa que tem consciência da presença do Salvador em sua vida.

Abraão deixou a terra de seus antepassados, efetuando aquela jornada de fé; Moisés conduziu as hostes de Israel pelos ásperos e inóspitos caminhos do deserto; Eliseu, de seu leito de dor, indicou uma saída ao rei. Todos encontraram segurança, paz e esperança na convicção de que Deus estava com eles. Eliseu não teve medo e se aborreceu diante da incapacidade de Jeoás de mostrar mais entusiasmo e decisão na agressiva aventura para a qual Deus o estava convidando. Quando Deus envia alguém em missão, capacita-o também com o poder do Espírito Santo.

3. *Reflexão com respeito ao êxito*

A urgência que impele os seres humanos a se sobressaírem, parece ser maior agora do que no passado. Mereça nossa aprovação ou não, em muitos casos êxito significa avançar deslocando outros. A trilha que leva ao cume não é tão suave como imaginam alguns, uma vez que mais da metade daqueles que se consideram vencedores em suas atividades não se sentem felizes. Essa infelicidade se manifesta na forma de ansiedade, depressão, solidão, insatisfação, falta de sentido para a vida, etc. É que grande parte desses indivíduos não procuram tomar tempo para fazer a si mesmos as grandes e fundamentais perguntas: quem sou eu? De onde venho? Aonde vou? Qual o verdadeiro sentido de minha vida?

A sociedade ocidental movimentou-se com excessiva rapidez; sentimo-nos como se estivéssemos tendo uma vertigem. Em última análise, o verdadeiro êxito na vida, como o entendemos, fica demonstrado não tanto pelos títulos acadêmicos ou profissionais que a pessoa ostente, nem pelo salário que receba por seu trabalho. Enquanto muitas pessoas confundem êxito com dinheiro, poder e posição, o crente o compara com serviço.

4. *As circunstâncias*

Somos assaltados de contínuo por circunstâncias de todos os tipos, e nossa atitude para com elas pode determinar-nos o futuro. Deus usa a circunstância como um meio da graça; ela faz parte da linguagem

por meio da qual nos fala. Deus falou “muitas vezes, e de muitas maneiras” no passado (Heb. 1:1 e 2): Ele nos fala por intermédio da Natureza, que é Sua revelação geral; também por meio de Sua Palavra — Sua revelação especial. Em certas ocasiões, por meio do Espírito Santo; e não há a menor dúvida, também nos fala por meio das circunstâncias, que no plano de Deus se tornam oportunidades salvíficas.

A missão do crente consiste em “moldar as circunstâncias, mas não deve permitir que as circunstâncias o moldem a ele... aproveitá-las como instrumentos de trabalho; sujeitá-las, mas não deixar que elas nos sujeitem” (C.B.V., pág. 447, ed. antiga).

Não é o lugar que determina, mas a pessoa. Paulo afirmou: “Já aprendi a contentar-me com o que tenho” (Filip. 4:11). Talvez a mais bela coroa que já foi colocada em alguma cabeça seja a que recebeu em sua coroação a esposa do destituído último rei da Pérsia. Em minhas viagens, tive ocasião de ver nos museus que visitei, riquezas fabulosas; mas nenhuma deixou em mim uma impressão mais profunda e duradoura do que as das coroas da Pérsia, conservadas em Terã. Quando contemplei a coroa que foi colocada sobre a cabeça de Farah Diba, no dia de sua coroação, perguntei ao guia de onde haviam vindo todos aqueles diamantes. “Muitos deles”, respondeu, “vieram da mina Golconda.” Ali foram encontrados o famoso koh-i-noor e o Orloff. A história dessa mina se tornou famosa por Russel Cromwell, em seu livro *Acres of Diamonds*.

Houve um homem chamado Ali Hafed que viveu no fabuloso país do Irã. Tinha um sítio, e vivia satisfeito com o seu produto. Tinha esposa e filhos; criava ovelhas, cabras e semeava cereais. O protagonista de nossa história vivia feliz até a chegada de um sacerdote que lhe falou de algumas coisas estranhas chamadas diamantes. Nunca ouvira antes a respeito de diamantes, mas o visitante lhe disse que os diamantes são

pedras que brilham como a luz de cem sóis. “São a coisa mais bela do mundo.”

— Onde se encontram essas pedras? — perguntou-lhe Ali. — Quero obtê-las, insistiu.

— Dizem que podem ser encontradas em todas as partes. Procura um riacho que arraste areia branca e que esteja ladeado por altas montanhas; ali encontrarás diamantes.

Dessa forma, Ali Hafed vendeu sua propriedade, deixou a esposa e filhos aos cuidados dos vizinhos e saiu para percorrer o mundo em busca de diamantes. Andou pela Palestina, foi ao Egito e finalmente chegou à Espanha. Examinou todos os riachos de águas cristalinas, cujo leito continha areias brancas e eram ladeados por elevadas montanhas. Os anos se passaram, encaneceram-se-lhe os cabelos, e um dia se achou na praia de Barcelona, pobre, doente e descoroçoado. Num momento de desespero se lançou ao mar e morreu.

Enquanto isso, ao dar de beber ao seu banho, o homem que comprara a propriedade de Ali Hafed removeu uma pedra que achou interessante, levou-a para casa e a usou para manter a porta aberta. Certo dia, o sacerdote passou de novo pelo local e, ao ver a pedra, notou que de uma fenda irradiava uma luz estranha.

— É um diamante, onde o encontraste? — pergunta o sacerdote.

— Acheio-o ali, onde bebem os animais — respondeu.

Os dois correram até o local, escavaram e encontraram diamantes e mais diamantes. Esta é a origem da descoberta da maior mina de diamantes do mundo.

É isto mesmo, onde você estiver, estará Deus. E onde o Senhor está, há beleza, planos de avanço e de vitória, sempre que você abrir os olhos para ver as possibilidades. As circunstâncias são, geralmente, meios salvíficos pelos quais o Senhor nos coloca na arena onde nosso caráter é temperado.

Crítica do Ponto de Vista Pós-Queda

N. R. GULLEY

As limitações do espaço só permitem uma

avaliação parcial. Douglass define a natureza caída de Cristo, recebida ao nascer, como segue: “O termo *carne pecadora* significa a condição humana em todos os seus aspectos como afetada pela queda de Adão

e Eva." Diz que ela inclui "as mesmas tendências" e "paixões semelhantes" às nossas, e fala de "o clamor" dessa natureza "infectada". De acordo com ele, a natureza humana de Cristo não possuía nenhuma "vantagem moral". Todavia, Jesus não era pecador por nascimento, pois todos os homens são sem pecado ao nascer. Pois a pessoa "não precisa ser pecadora por ter nascido com carne pecaminosa".

Não obstante, a Bíblia é contra nascimento sem pecado para todos os homens. Ela mostra que todos os homens são "constituídos pecadores mediante a transgressão de Adão, de maneira semelhante àquela pela qual eles são constituídos justos pela obediência de Cristo".¹ Precisamente. Douglass esquece este paralelo em Romanos 5. Somos pecadores por nascimento e justificados em Cristo.

Apenas os dois Adões vieram ao planeta Terra sem pecado. Todos os outros nascem pecadores. Adão e Eva se separaram de Deus — abandonaram sua condição dada por Deus — e foram para o país distante, como os primeiros pródigios humanos. *Toda a raça humana nasce nesse país de alienados de Deus.* Isto, porque nascem à imagem de Adão (Gên. 5:3), não à de Deus (cap. 1:26). *Eles estão perdidos.* Por isso, o primeiro nascimento é na família dos homens. O segundo, na família de Deus (São João 3:5-8; Rom. 8:14). Por isso é que "ser adotado na família de Deus é um estribilho tão convincente na Escritura" (Rom. 7:15 e 16; Gál. 4:1-7).

Em contraste absoluto, Cristo veio ao país longínquo não como um pródigo, mas como o homem-Deus. Ele levou para casa a ovelha perdida, e não necessita de um pastor para carregá-Lo (São Lucas 15). Portanto, como o segundo Adão, Ele veio, não na imagem do homem, mas na *expressa imagem de Deus* (Col. 1:15; Heb. 1:1-3). Ellen White admoesta: "Sede cuidadosos, grandemente cuidadosos quanto à maneira em que vos detendes sobre a natureza humana de Cristo. Não o apresenteis perante o povo como um homem com pendores para o pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado um ser puro e inocente, sem uma mancha de pecado em si; ele existia na *imagem de Deus*. Podia cair, e caiu mediante a transgressão. *Por causa do pecado, sua posteridade nasceu com tendências inerentes de desobediência. Mas Jesus Cristo era o Unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado... Poderia ter pecado; poderia ter caído, mas nem por um momento houve nEle*

uma propensão para o mal."²

Ellen White não diz aqui que Jesus não tinha nenhuma propensão para o mal porque Ele era o segundo Adão sem pecado. Ela não diz, como Douglass, que Ele era sem inclinações para o mal porque não pecou. O ponto de vista de Douglass com respeito a propensões é simplesmente superficial em excesso. As propensões estão dentro da natureza caída; por definição, antes de qualquer ato de pecado. Jesus, porém, não possui essas propensões. Não admira que Satanás não achou nEle nenhum pecado (São João 14:30).

Douglass afirma que São Lucas 1:35 não trata da natureza humana de Cristo. Mas Ellen White discordaria. Na passagem acima citada, ela fala também do nascimento de Cristo. Diz ela: "Estas palavras (S. Lucas 1:31-35) não se referem a nenhum ser humano, senão ao Filho do infinito Deus. Jamais deixeis, de qualquer maneira, a mais leve impressão sobre as mentes humanas, de que repousava sobre Cristo uma mancha de corrupção ou inclinação para ela... Ele é chamado 'essa coisa santa'".³ De outro modo, como poderia ser Ele uma autêntica revelação de Deus ao homem (São João 1:18)? Nenhum homem caído pode revelar a Deus. Jesus, como segundo Adão, veio na imagem de Deus e, dessa maneira, deu início a um novo começo para a humanidade. Em Cristo, Deus estava de novo operando de modo criativo em favor da raça, como estivera no Éden. A imagem criadora de Deus nada tem que ver com a Queda. Essa esfera se restringe à imagem do homem.

O artigo de Douglass contém aparentes contradições. Ele argumenta que Cristo tomou a natureza humana pós-Queda, não uma natureza humana pré-Queda com isenções. Não obstante, ele termina admitindo quatro exceções: Cristo não possuía nenhuma "mancha de pecado", "inclinação para o mal", ou vontade enfraquecida pelo pecado, como a nossa. E Ele estava isento da depravação mais recente de nossa geração. Essas exceções desfazem Sua exata identidade conosco.

Douglass declara que o *porquê* Jesus Se tornou humano é mais importante do que o *como* Se tornou Ele humano. Concordo. Mas todas as seis razões dadas por Douglass foram plenamente satisfeitas pela vinda de Jesus como espiritualmente sem pecado, numa natureza física debilitada pelo pecado.

O argumento de Douglass depende do *porquê*; todavia, curiosamente, jamais ele desenvolve essa questão. Ele não discute a questão original no grande conflito. Satanás

argumentou que os anjos sem pecado e os homens sem pecado caíram porque Deus foi injusto ao requerer que eles guardassem uma lei sumamente elevada. Sua acusação original não era a de que os seres caídos não podiam guardar a lei. Daí "Cristo ser chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade, unido com Deus e por Ele amado, Ele começou onde o primeiro Adão começou. De boa vontade, Ele transpôs o terreno onde Adão caiu, e redimiu a falta de Adão."⁴

O grande conflito é *contra Cristo*; de maneira que Satanás lança seus ataques contra a obra criadora de Cristo (seres sem pecado) e não contra o resultado de sua própria obra destruidora (o homem caído). O fato de que a acusação original se estendeu ao homem caído não diminui este ponto.⁵ Tudo o que Cristo precisou fazer para provar a falsa acusação original de Satanás foi vir na mesma natureza de Adão, isto é, a natureza humana não caída. Fisicamente falando, porém, Ele imergiu em uma natureza enfraquecida pelo pecado e, portanto, numa grande desvantagem, comparada com a de Adão. Enquanto fisicamente começava como homem em Belém, espiritualmente deixava após Si a eternidade.

Embora a pergunta *por que* seja mais importante do que a pergunta *como*, a interrogação *quem* é ainda mais importante. *Quem é Jesus, deve qualificar e informar toda declaração a respeito do porquê e do como.* Jamais devemos perder de vista o fato de que a identificação de Cristo como Deus é mais importante do que Sua união com a humanidade. Ele não é bem outro homem, mas Deus que Se tornou homem. Como diz C. S. Lewis, quando vos estais afogando, desejais que mergulhe alguém que esteja em situação diferente da vossa. A natureza pecaminosa é a causa de nosso afogamento. Uma natureza humana sem pecado (espiritualmente) estende a mão para puxar-nos para fora. A salvação é uma obra de fora do curso da história humana, embora seja operada no interior por Alguém que Se tornou humano (Filip. 2:5-7).

Douglass e eu concordamos em que Jesus foi verdadeiramente homem, que Ele foi realmente tentado e poderia ter falhado, e que Sua dependência de Deus nos fornece um exemplo. Concordamos em que Ele permaneceu sem pecado. Douglass procura ser verdadeiro quanto à humanidade de Cristo, mas não é a principal pretensão ser verdadeiro quanto a Sua divindade? Sua humanidade plena é cumprida de maneira adequada em Seu papel como segundo Adão. Não é o Jesus de Douglass excessiva-

mente humano? Fornece Ele reconhecimento apropriado de Sua divindade? O Novo Testamento identifica a Jesus como Deus, sempre usando a palavra grega *isos* ("mesmo"). Jamais constitui uma identidade exata de Jesus com o homem, usando sempre a palavra *homoiōma* ("semelhante"). (Mesmo quando Gênesis 1:26 [Septuaginta] diz que o homem foi criado à "semelhança" de Deus, ele usa *homoiōma*).

Não foi a primeira heresia cristã, o arianismo, uma excessiva identificação de Jesus com o homem? Não poderia seu parceiro, o pelagianismo, dizer: 'Se Jesus fez isso, também posso fazer'? Meu amigo Herbert Douglass, a quem aprecio e amo como irmão em Cristo, deve ser agradecido por lembrar a todos nós que Jesus entende nossas lutas porque Ele era homem. Mas advirto que foi Sua peculiaridade, não Sua identidade exata conosco, que tornou infinitamente pior a Sua luta. Ellen White exorta: "Esteja todo ser humano precavido contra a posição de tornar a Cristo inteiramente humano, tão humano quanto nós mesmos; pois não pode ser."⁶ Por outro lado, Douglass afirma que Cristo enfrentou cada tentativa que enfrentamos.

A definição bíblica de pecado é a de que pecado é uma interrupção no relacionamento com Deus (Rom. 14:23). Jesus experimentou isto, não na natureza, em Seu nascimento (São João 1:1, 14 / 14:10; Heb. 10:7-10), mas apenas na *missão*, em Sua morte (São Mat. 27:46). No Getsêmani "Cristo Se achava então em atitude diversa daquela em que sempre estivera antes."⁷ Somente nessa ocasião, Aquele que não conheceu pecado, Se tornou "pecado por nós" (II Cor. 5:21).

1. *The SDA Bible Commentary*, sobre Rom. 5:19, pág. 534.

2. *Idem*, Comentários de Ellen G. White, sobre São João 1:1-3, 14, pág. 1128 (Itálicos supridos).

3. *Ibidem*.

4. Ellen G. White, em *Youth's Instructor*, 2 de junho de 1898. (Itálicos supridos.) Ver também N. R. Gulley, em *Adventist Review*, 30 de junho de 1983.

5. Ver Ellen G. White, em *Signs of the Times*, 16 de jan. De 1896.

6. *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre São João 1:1-3, 14, pág. 1129.

7. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 686.

Estude a Bíblia com mais segurança e proveito

A Nossa Bíblia e os Manuscritos do Mar Morto traz, em linguagem simples e compreensiva, as contribuições dos mais preciosos manuscritos para o seu **entendimento** do Livro Sagrado.
A Leitura da Bíblia tem outro sabor depois de conhecer este livro.

Morreu João Batista?

Os evangelhos de Mateus e Marcos afirmam que a morte de João Batista foi perpetrada pelo tetrarca Herodes Antipas (S. Mat. 14:3-12; S. Mar. 6:17-29). Os dois evangelistas apresentam descrição semelhante; nenhum deles, porém, menciona o lugar onde João foi assassinado. Por sua vez, embora relate o encarceramento de João, Lucas não registra em seu evangelho a morte do Batista (S. Luc. 3:19-20). É o historiador judeu, Flávio Josefo, quem afirma que o crime foi praticado nas celas do palácio-fortaleza de Maqueronte, que naquela época pertencia a Herodes. Não obstante, alguns cristãos indicavam Sebaste como o local onde aconteceram tanto a morte como o sepultamento do precursor de Jesus; e, como a corroborarem essa dupla tradição, dois diferentes templos foram ali construídos no passado, os quais a seu tempo foram destruídos, e atualmente um deles pode ser visto em ruínas, ao passo que o outro foi transformado em mesquita.

Onde, pois, foi decapitado João Batista? Eis a pergunta que se tentará responder, indicando com clareza o lugar mais provável da morte do precursor do Messias.

A Dinastia Herodiana

Tanto os evangelistas Mateus e Marcos, como Josefo, estão de acordo em apontar Herodes como culpado pela morte de João Batista. Ele é o mesmo a quem Lucas chama "Herodes tetrarca da Galiléia" (S. Luc. 3:1). É também Herodes Antipas que, sendo filho de Herodes o Grande e de Malthace, uma mulher samaritana, não era sequer "meio judeu" como seu pai. Como tetrarca da Galiléia e da Peréia desde o ano 4 AC até o ano 39 DC, ele era o Herodes que governou durante a juventude e o ministério público de Jesus e João. É ele também o governante ao qual o prefeito Pilatos enviou Jesus, e que, depois de zombar de Cristo juntamente com sua corte, "vestiu-O de uma roupa resplandecente e tornou a enviá-Lo a Pilatos" (S. Luc. 23:6-15). O relato bíblico mostra que, como resultado dessas relações mútuas com respeito a Jesus, Pilatos e Herodes tornaram-se bons amigos, apesar de sua rivalidade anterior. (S. Luc. 23:12). Ele é também o mesmo Herodes a

quem Jesus chamou de "raposa" (S. Luc. 13:32), quando alguém quis intimidá-Lo com uma suposta ação repressora herodiana. De todos os Herodes que reinaram, é Antipas o mais freqüentemente mencionado no Novo Testamento.

Seus irmãos que, juntamente com ele herdaram o reino de seu pai, reino que por sua vez foi dividido por Augusto, foram: Herodes Filipe, que recebeu o setor leste e noroeste do Jordão, que ia desde o rio Yarmuk até o monte Hermom, territórios conhecidos como Gaulanite, Traconite, Batanéia e Panéias; e Arquelau, que foi designado como tetrarca de Samaria, Judéia e a parte norte da Iduméia.

A dinastia herodiana que começou com Herodes o Grande, caracterizou-se por sua habilidade na realização de empresas construtoras, mas também como artífice de conspirações sangrentas. As atrocidades e as intrigas desta dinastia sanguinária que chegou ao poder mediante a traição e o assassinio, e que se tornou odiada pelos judeus, são descritas reiteradamente nos escritos de Josefo. O relato neotestamentário sobre a matança das crianças belemitas, está em completa harmonia com a conduta herodiana cruel e sanguinária (S. Mat. 2:16).

A descendência de Herodes o Grande foi, no mínimo, infame. As atrocidades de Arquelau foram motivo suficiente para que o imperador o privasse de seu cargo no ano 6 DC, e desde então foram nomeados procuradores romanos para governar a Judéia. A infidelidade escandalosa de Herodes Antipas para com a esposa, repudiando-a para casar-se com sua sobrinha e cunhada Herodias, teve sérias conseqüências para sua carreira política. Em primeiro lugar, viu-se enredado em uma guerra com o ofendido sogro, o rei nabateu Aretas IV; depois, sem dúvida alguma, seus súditos o detestavam por sua conduta imoral; e, por último, foi também a própria Herodias a causa de sua queda final, quando ela o instou a buscar o título de rei. Então, acusado por seu próprio sobrinho e cunhado, de estar tramando uma traição, foi deposto por Gaio Calígula no ano 39 DC. Exilado na Gália, passou os últimos dias com Herodias.

Os Procuradores Romanos

Quando Arquelau foi deposto e desterrado por Augusto, a Judéia foi reduzida à categoria de uma província romana e, portanto, governada por um procurador ou prefeito, designado diretamente pelo imperador.

Os procuradores romanos eram uma classe especial de administradores imperiais, cujo interesse principal era a administração financeira. Eram enviados a regiões onde existiam condições especialmente difíceis ou turbulentas. No aspecto militar, seu dever consistia em manter a província em paz e ser responsável perante o imperador romano, bem como os representantes deste.

Durante seu reinado, Augusto chegou a nomear três representantes para a Judéia. O primeiro deles foi Copônio (6-9 DC), depois Marco Ambívio (9-12 DC) e Anio Rufo (12-14 DC). Os dois seguintes, nomeados pelo imperador Tibério, foram Valério Grato (15-26 DC) e Pôncio Pilatos (26-36 DC).

Ao que parece, nenhum dos procuradores romanos indicados para governar a turbulenta Judéia, foi capaz de manejar os judeus. Muitas vezes a crueldade foi utilizada para sujeitá-los, e essa foi uma das principais causas da guerra judaico-romana dos anos 67-70 DC.

Os procuradores residiam em Cesaréia; não obstante, em casos de emergência e ocasiões especiais, podiam residir temporariamente em Jerusalém. Em ocasiões como as festas judaicas, o procurador ia também a Jerusalém, pois as multidões que se aglomeravam no templo representavam a constante ameaça de um motim, visto que quase sempre nessas reuniões os judeus davam rédea solta a suas expressões físicas de ódio para com Roma. Durante esses períodos, em geral o procurador residia no palácio de Herodes.

Dos quatorze procuradores que governaram a Judéia entre os anos 6 a 66 DC, três deles são mencionados no Novo Testamento: Pôncio Pilatos (S. Marc. 15:1-5; S. Mat. 27:1-26; S. Luc. 23; S. João 18:28-19; I Tim. 6:13), Antônio Félix (Atos 23:24 a 24:27), e Pócio Festo (Atos 27:27).

Embora a execução de João Batista tenha ocorrido durante o tempo em que Pilatos governava, não há nenhuma menção de ligação do procurador com o encarceramento de João, nem com sua morte. Provavelmente, durante esse tempo a inimizade entre o governador e o tetrarca fosse muito acentuada.

De interesse arqueológico em relação com este procurador, são também as moedas encontradas, que datam do segundo ao sexto ano de Pôncio Pilatos. Sendo que elas foram cunhadas nos dias de João, é provável que ele as tenha conhecido, e talvez tenha até gasto algumas moedas semelhantes.

Também é de especial interesse arqueológico a inscrição encontrada no teatro romano de Cesaréia Marítima. Afora o título de "prefeito", que dá novos indícios da administração das províncias romanas através de procuradores, a inscrição proveu pela primeira vez o nome por escrito de Pôncio Pilatos. Assim, essa inscrição proporcionou a evidência arqueológica necessária para corroborar de maneira direta a historicidade do procurador romano que governava nos dias do martírio do precursor do Messias.

A Tetrarquia de Herodes Antipas

Foi dado a Herodes Antipas o título de Tetrarca da Galiléia e Peréia (S. Luc. 3:1). Estas duas províncias de seu território estavam separadas pelo rio Jordão. A Peréia ficava a leste do Jordão, e a Galiléia a oeste do lago do mesmo nome.

Dessas duas regiões, a Peréia talvez fosse a menos importante, como também a menos povoada. Ao extemo sul dessa região estava situada Maqueronte, fortaleza que havia sido construída por Herodes o Grande. Josefo diz que a longitude de Peréia era de Pella até Maqueronte, o qual vai do Jaboque até o Arnon; e a largura abrangia desde Gerasa e Filadélfia até o Jordão.

O território de Herodes Antipas revestiu-se de importância para os estudiosos do Novo Testamento, pois que nessas regiões tanto Jesus como João Batista desenvolveram grande parte do seu ministério. Jesus passou quase toda a Sua existência e ministério no "território situado a leste do Jordão", que era a Peréia.

Embora Herodes dispusesse de dois palácios para residir, quando estava na Peréia — um em Julias e o outro em Maqueronte — a capital de Antipas era Tibérias, na Galiléia. Ele resolveu edificar essa nova capital depois que a primeira, Séfores, foi destruída brutalmente pelos romanos no ano 6 DC. A posição estratégica da cidade, na orla do Mar da Galiléia, e a proximidade das fontes termais, davam a essa capital herodiana imensas possibilidades para momentos de ócio. Não obstante, a nova capital nunca foi bem aceita pelos judeus, pelo

fato de ter sido construída sobre um cemitério, e, conseqüentemente, por eles considerada como solo cerimonialmente impuro. Essa última consideração é apresentada por alguns como uma possível razão pela qual Tibérias não é registrada como cenário de algum feito realizado por Jesus durante o Seu ministério. Atualmente, no extremo sul da moderna Tibérias, podem-se ver antigas ruínas. Estas, contudo, são posteriores aos dias de Antipas. Todavia, restos do que poderia ser o palácio de Herodes, existem ainda na colina conhecida como *Qasr bint el melek*, que significa "castelo da filha do rei".

O Ministério de João Batista

João Batista nasceu numa época em que tanto na Judéia como ao longo do vale do Jordão e em volta do Mar Morto, surgiram grupos batistas e messiânicos diversos. Algumas dessas seitas estavam impregnadas de sentimentos e idéias compostos de pretensões messiânicas e agitação política. Entre os mais conhecidos desses grupos messiânicos figurava a comunidade do Qumram, cujo centro se encontrava na área desértica fronteiriça ao Mar Morto, a sudoeste de Jericó.

A descoberta dos denominados rolos do Mar Morto em 1947, e as escavações efetuadas nessa comunidade essênica, proporcionaram um conhecimento maior dos dias, bem como do ambiente em que cresceram tanto Jesus como João Batista.

A menção que os evangelhos fazem do "deserto", para indicar o lugar, ou melhor, região onde João cresceu (S. Luc. 1:80); o costume essênico de adotar crianças, mencionado por Josefo; o batismo praticado por João, que em certo momento foi equiparado às abluções essênicas; mais algumas semelhanças do ensino do Batista com as encontradas na literatura qumrâmica; levaram alguns à conclusão apriorística de que João era essênio.

Verdade é que, como filho dessa época e ambiente, existe a possibilidade de ter João conhecido os essênios, e ter até estabelecido algum contato com a seita do Qumram. A despeito, porém, dessa possibilidade, e embora haja alguns paralelismos notórios entre João e os essênios do Qumram — principalmente em virtude de sua fé enraizada no terreno comum dos escritos antigo (testamentários) é inegável a existência de diferenças maiores e muito mais significativas. Notadamente significativo é o fato de que João reconheceu a Jesus como o

Messias anunciado pelos profetas, ao passo que a comunidade qumrâmica, bem como o movimento essênio, jamais reconheceu a Jesus como tal.

Ao tratarmos com todos os movimentos religiosos surgidos nas proximidades do início de nossa era, é notório o fato de que nenhum movimento religioso surgido na Palestina, no alvorecer do cristianismo, foi ou esteve relacionado mais diretamente com a própria cristandade do que o reavivamento surgido com base no ministério de João Batista.

É provável que — de acordo com o câmputo siríaco — João tenha iniciado seu ministério entre o dia 1º de outubro de 27 DC e 30 de setembro de 28 DC. Todavia, não é possível conhecer com exatidão a duração do seu ministério. Sua vigorosa pregação instando ao arrependimento encontrou guarida na sociedade corrompida de seus dias, e de todas as camadas sociais vieram pessoas ouvir a mensagem do profeta do deserto. Na longitude e latitude do país foram difundidas as novas de sua pregação, e multidões a ele acorreram para ser batizadas "no rio Jordão, confessando os seus pecados" (S. Mat. 3:6).

João batizou o Messias no auge de sua popularidade (S. João 1:33), para se "cumprir toda a justiça" (S. Mat. 3:13-15). Conquanto, porém, esse ato tenha marcado o início de sua diminuição, foi capaz de reconhecer que Jesus devia crescer enquanto ele precisava diminuir (S. João 3:25-26). Sua total decadência ocorreu alguns meses — talvez um ano ou mais — depois que batizou a Jesus, quando foi encarcerado por Herodes Antipas.

O Encarceramento de João

Embora seja certo que ao iniciar seu ministério João escolheu a parte mais movimentada da região desértica da Judéia, a saber, os vaus do Jordão, ao norte do Mar Morto, onde havia um tráfego constante entre a Judéia e a Peréia, indubitavelmente ele agiu também em áreas mais extensas e afastadas da região palestina, e jamais restringiu suas atividades a um único lugar. A heterogeneidade de seu auditório crescente, prova quão abrangente foi sua influência, bem como o êxito de sua missão (S. Luc. 3:7, 10-14), e de fato não é possível que o Batista tenha passado despercebido, tanto aos tetrarcas como ao procurador romano.

O quarto evangelho apresenta João realizando parte de seu ministério batismal em "Enom, junto a Salim" (S. João 3:22 a 4:3), e

alguns acham que a melhor identificação desse lugar é o *Wadi Far'ah*, situado a leste de Siquê, baseados no testemunho evangélico de que ali “havia muitas águas” (S. João 3:23). Isto, porém, coloca João pregando em território samaritano, fora dos termos herodianos. Embora, porém, tudo pareça indicar que até o momento não foi possível localizar com precisão “Enom, junto a Salim”, onde João batizava, a descrição de suas atividades indica que esta devia ficar em território pereano, e muito próxima dos vauz jordanianos acima mencionados.

Indubitavelmente, João fez excursões pelo vale do Jordão (S. Luc. 3:3), e assim, possivelmente também às regiões fronteiriças de Samaria, mas tudo parece indicar que seu ministério se desenvolveu principalmente no território jordanense de Peréia, que era jurisdição de Antipas.

É bem possível que, quando João foi preso, Herodes estivesse nas proximidades de Enom, residindo em seu palácio de Julias, onde facilmente pode ter chegado a notícia de sua pregação. Para Herodes Antipas, João tinha duas coisas contra si: sua crescente popularidade e seu ardor ao denunciar os pecados do povo e dos governantes (S. Luc. 3:7-14), e em especial os do próprio Antipas (S. Luc. 3:19). Tais coisas suscitaram os ânimos do tetrarca da Galiléia, que colocou João na prisão com o propósito de executá-lo sem demora (S. Mat. 15:5). Contudo, a morte de João foi retardada por alguns meses.

É possível conseguir um quadro nítido das razões que levaram Herodes a investir contra João. Os evangelhos sinópticos nos apresentam como uma das razões a repressão dirigida a Herodes por causa de sua união ilícita com Herodias, mulher de seu irmão Filipe (S. Mat. 14:3-5; S. Mar. 6:17-18; S. Luc. 3:19). Para Herodes, que queria fazer-se passar por um judeu piedoso — visto que ia a Jerusalém a cada festividade — aquela reprovação era intolerável, e da mesma forma que sua amante, ele desejava ver João morto.

Poderiam, contudo, ter existido razões adicionais de ordem política. Josefo menciona que “Herodes temia que a crescente influência de João sobre o povo pudesse gerar um levante”, de maneira que, antes de qualquer possível insurreição”, ele o levou à prisão.

Em nenhuma passagem dos escritos neotestamentários é mencionado o lugar da prisão de João. É Josefo quem, novamente, menciona que “devido às suspeitas de Herodes”, João “foi levado prisioneiro para

Maqueronte”. Não obstante, é impossível saber quanto tempo João esteve “preso na fortaleza de Herodes Antipas”.

Essa fortaleza foi edificada originalmente por Alexandre Janeu, por volta do ano 88 AC. No período asmoneu, transformou-se em uma importante fortaleza contra os romanos, os quais a arrasaram no ano 63 AC. Posteriormente, Herodes o Grande a reconstruiu no aspecto do *Wadi Zerka Ma'in* — as fontes termais de Calirroche — famosas nos tempos romanos. A mesma fortaleza era uma cidadela situada numa colina assolada, a qual segundo Plínio, era a segunda em importância para os judeus. Essa fortaleza era conhecida como “o diadema”, ou “a torre negra” e ao mesmo tempo era um palácio magnífico e também a prisão do reino. A atrativa vista do Mar Morto, a posição dominante, com o Alexandrion e o Herodion situados no lado ocidental, bem como a presença das águas termais nas proximidades, faziam daquele lugar um local de residência sem dúvida deleitoso para a saúde do valetudinário Herodes.

Com a morte de Herodes o Grande, a fortaleza passou às mãos de Herodes Antipas, como parte da Peréia. Devido às relações existentes com Nabatéia, Herodes certamente encontrou na fortaleza um lugar estratégico para ele. Posteriormente, no ano 70 DC, quando Jerusalém caiu em poder dos romanos, a Palestina não ficou de todo subjugada. Então as fortalezas de Herodion, Masada e Maqueronte ainda resistiram. Maqueronte foi dominada por Basílio Basos, que com a ajuda de um soldado egípcio chamado Rufo, a serviço de Roma, capturou pessoalmente Eleazar, o líder defensor da fortaleza.

Atualmente, o lugar é ocupado pelas ruínas de *Qal'at el-Mishnaga*, que se limita com a aldeia árabe de *el-Mugawir*. Essas ruínas foram repetidas vezes escavadas nas duas décadas passadas. As primeiras sondagens foram feitas por Jerry Vardaman, no início do ano 1968, e segundo os dados recolhidos na ocasião, foi apresentada uma ausência de seqüência cerâmica perto do fim do primeiro século, o que indicava que o local foi abandonado depois do período herodiano. Posteriormente, em 1978, realizaram-se escavações no mesmo lugar, as quais foram dirigidas “por uma equipe conjunta de arqueólogos do Departamento de Antiguidades da Jordânia e do Instituto Franciscano de Estudos Arqueológicos da Terra Santa”. Desde 1978 esse grupo tem escavado sistematicamente a fortaleza e o palácio real, conseguindo até

o momento estabelecer que, em linhas gerais, a descrição de Josefo corresponde ao que foi encontrado até hoje; por outro lado, do ponto de vista arqueológico, observou-se que Maqueronte ilustra com clareza espetacular o período histórico breve e, ao mesmo tempo crucial, que medeia entre os anos 90 AC a 72 DC.

Outro possível local da prisão de João, poderia ter sido a prisão do palácio de Herodes, em Tibérias, e é Kraeling quem situa a prisão e morte de João em Tibérias.

Samaria, poderia ser outro local relacionado com a prisão de João, mas, sendo que durante aquele tempo, tanto a cidade como o território samaritano não se encontravam sob o controle de Antipas, torna-se muito difícil essa possibilidade.

A Morte de João

Há problemas cronológicos relacionados com a morte de João. Os romanos colocam o seu encarceramento no verão de 29 D.C., e sua decapitação durante o aniversário de Herodes Antipas no ano 30 DC, o que se enquadra dentro dos parâmetros aceitáveis.

Tanto Herodes como Herodias procuravam tirar a vida de João (S. Mat. 14:4; S. Mar. 6:19), mas os temores do primeiro adiaram a sentença. Embora o tetrarca mesmo olhasse às vezes a João com bons olhos (S. Mar. 6:20), os acontecimentos foram precipitados em virtude da atenção dada a Herodias. Sendo que ela estava constantemente buscando ocasião para a morte do Batista (S. Mar. 6:19), é possível até que ela mesma tenha ficado responsável pelos entendimentos desenvolvidos durante a festa que precedeu à decapitação de João, prevalecendo-se da vaidade de seu marido.

Marcos comenta que o dia apropriado para Herodias surgiu durante uma data natalícia de Herodes, quando este oferecia um banquete a seus grandes, tribunos e príncipes da Galiléia (S. Mar. 6:21). É possível que, para tornar mais importante a celebração, tenha ele convidado outras personalidades notáveis da elite e do mundo dos negócios da Galiléia, sem omitir toda sua elite governamental.

Enquanto Herodes e seus convivas se divertiam e se embriagavam, Herodias enviou sua filha para diverti-los. O bailado voluptuoso de Salomé a todos agradou, e em sua vaidade, Herodes ofereceu com juramento, à jovem bailarina, qualquer coisa que esta pedisse (S. Mat. 14:7), incluindo metade do seu reino (S. Mar. 6:23). Para

Herodias, aquela era a oportunidade que estava esperando, e quando sua filha foi pedir-lhe opinião, ela sugeriu com frieza um pedido macabro. Salomé voltou então a Herodes, dizendo: "Quero que imediatamente me dê num prato a cabeça de João Batista." (S. Marc. 6:25).

O tetrarca foi incapaz de alterar a situação. Ante a alternativa de escolher entre um juramento quebrado ou uma consciência intranquilha, escolheu a segunda. E embora ficasse muito pesaroso (S. Mar. 6:26), ordenou afinal com tristeza a execução de João. Então, prontamente "foi trazida a cabeça de João à presença do rei e seus hóspedes" e ele a entregou a Salomé; esta "a entregou a sua mãe", que ao recebê-la insultou a cabeça cortada.

Josefo conta que o cadáver do Batista foi lançado sobre o muro do castelo, e ali continuou sem ser sepultado. Todavia, arrestando o acontecimento relacionado com João, o registro evangélico diz que o corpo do Batista foi enterrado em uma sepultura por seus discípulos, os quais, sabedores de sua morte, vieram e lhe levaram o corpo (Mar. 6:29).

A pronta execução, bem como a exibição da cabeça do justicado, estão em perfeito acordo com os costumes orientais.

O local da sepultura de João é um assunto enigmático. Uns acham que o corpo foi sepultado "nos elevados picos de Moabe", ou nas encostas judaicas de sua terra natal. Há tradições que indicam que João foi sepultado em Samaria, mas isso não pode ser provado. Deve-se notar que o relato evangélico registra o sepultamento do corpo de João, mas não menciona onde estava localizada a sepultura.

Onde Foi Decapitado João Batista

Foram sugeridos principalmente três lugares como possíveis locais para a morte de João Batista: Maqueronte, o local mencionado por Josefo; Tibérias, a capital de Antipas; e Sebaste, que tradições posteriores têm insistido em apontar como o lugar certo.

Primeiramente, deve-se descartar Sebaste, pois nem Josefo nem o Novo Testamento a relacionam com os acontecimentos. A História estabelece com toda clareza que Samaria não estava sob o domínio de Antipas, mas de Pilatos, na época (S. Luc. 3:1). Além do mais, sendo que nessa época eles "andavam em inimizade um com o outro" (S. Luc. 23:12), é bastante improvável que Herodes tenha preferido utilizar uma forte-

leza romana para guardar seus prisioneiros; ou, também, escolher um palácio situado no território de seu inimigo, como lugar para a celebração de seu aniversário. Embora algumas tradições tenham indicado Sebaste como o local de sepultamento de João, deve-se isto a uma confusão temporária ocorrida nos tempos bizantinos, quando os cristãos confundiram as ruínas do templo de Augusto — edificado por Herodes o Grande — com as ruínas do palácio de Herodes Antipas.

Depois, caso se considere Tibérias como o local indicado, deve-se salientar que é Kraeling quem prefere indicar esse lugar para a morte de João. Ele sugere que a fortaleza mencionada por Josefo poderia ter sido um lugar muito inconveniente para levar seus convidados galileus para a festa de seu aniversário. Mas, embora Tibérias pudesse servir de possível local para a festa fatídica, a total falta de dados torna essa possibilidade apenas uma boa conjectura. Menos provável ainda é uma combinação de ambos os lugares, dando a fortaleza pe-reana como o lugar da prisão de João, e Tibérias como o lugar de sua execução alguns dias depois do festejo. Sendo que Maqueronte estava longe da capital de Herodes Antipas, deve-se ter em conta que talvez ele tenha posto João Batista em uma prisão distante da Galiléia a fim de evitar uma rebelião dos seguidores do Batista. Deve-se também atentar em especial para o fato de que a História indica que João Batista estava preso em algum lugar do próprio edifício onde estava sendo celebrado o banquete, ou pelo menos muito próximo dele. O pedido de Salomé, bem como a ordem com a qual João foi decapitado, situam a celebração onomástica como sendo realizada num lugar próximo da cela do prisioneiro.

Com respeito a Maqueronte, deve-se dizer que mesmo os relatos de Josefo apresentam alguns problemas de cronologia. Embora ele mencione explicitamente Maqueronte como o lugar da prisão e morte de João, não é claro quando menciona o tempo em que ocorreu o fato. As referências de Josefo, mostram que nesse tempo Maqueronte pertencia ao reino nabateu, cujo monarca — Aretas IV — também estava, nessa ocasião, em desarmonia com Herodes, pelo fato de este lhe haver repudiado a filha — a princesa nabatéia Sha'udat — para casar-se com Herodias. Se isto estiver certo, obviamente haveria o mesmo problema relacionado com Samaria. Apesar dessa discrepância, Maqueronte parece encaixar-se melhor como o possível lugar da

morte de João Batista. O esplendor do lugar nos dias de Herodes, parece situá-lo como um lugar adequado para os dignitários galileus que foram convidados para o banquete de aniversário. Herodes, por sua vez, sabia muito bem como agradar seus hóspedes sensuais, e com um convite oficial para uma ocasião como aquela, deve ter sido difícil de ser recusado por um dignitário galileu ou judeu. Deve-se recordar, além disso, que por esse tempo o palácio estava ligado com um excelente sistema de vias que davam fácil acesso ao palácio, bem como aos banhos termais de Zerqa Main. As evidências arqueológicas encontradas em Maqueronte — até o momento — deram indícios relacionados com a própria fortaleza, embora não digam nada com respeito a João. As observações referentes às instalações romanas em Maqueronte, situam-na também como um lugar significativo para a história, tanto romana como bíblica.

Conclusão

De todos os lugares considerados como pontos relacionados com a morte de João Batista, dois apenas podem ser considerados com seriedade. Sebaste fica fora de cogitação, devido principalmente a sua relação política durante aquele tempo, fazendo parte do território governado pelo procurador romano; e também devido à inimizade existente entre o procurador Pilatos e o tetrarca Antipas. Além do mais, a hipótese de Sebaste ser o possível lugar onde João foi sepultado, deve-se a uma interpretação errada das ruínas do templo de Augusto, tidas por um palácio de Herodes Antipas. A esse erro interpretativo, seguiu-se logo suposição óbvia de que Herodias sepultou a cabeça de João nas proximidades do local, e naturalmente também se pensou que ali estivera João encarcerado e aí foi decapitado.

NOTA: As referências bibliográficas deste artigo, em número superior a 90, deixaram de ser publicadas por limitação de espaço; mas poderão ser fornecidas a eventuais interessados.

REVISTA ADVENTISTA

A revista que há mais de 80 anos informa sobre os principais acontecimentos da Obra de Deus no Brasil e no mundo.

Faça a sua assinatura e mantenha-se bem informado.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP